

Papa Leão 14 visitará quatro países da África até o dia 23 de abril

Reuters/Folhapress

Pontífice é o primeiro a ir à Argélia, de maioria muçulmana, lar de santo Agostinho

Teve início na segunda-feira (13), o roteiro do Papa Leão XIV, que vai levá-lo por quatro países da África. Nos próximos dez dias, o religioso percorrerá quase 18 mil quilômetros para participar de compromissos em 11 cidades da Argélia - onde desembarca por volta das 6h no horário de Brasília -, de Angola, de Camarões e da Guiné Equatorial.

Será a primeira vez que a Argélia, cuja religião oficial é o islamismo, seguido por 99% dos cerca de 48 milhões de habitantes, receberá a visita de um papa. Embora a liberdade de culto seja prevista na Constituição argelina, as organizações de direitos humanos Human Rights Watch, EuroMed Rights e Mena Rights Group pediram que o pontífice aborde a repressão às minorias religiosas do país.

Um dos objetivos de Leão XIV é levar uma mensagem de diálogo e de convivência pacífica entre o islã e o cristianismo. Após reunir-se com o presidente argelino, Abdelmadjid Tebboune, o religioso visitará a Grande Mesquita de Argel, a maior do continente africano. Depois, participará de um encontro com a comunidade católica na catedral Notre-Dame d'Afrique.

A ida à nação do norte africano também tem significado pessoal para Leão XIV. O papa celebrou uma missa na cidade de Annaba, onde viveu santo Agostinho, na terça-feira (14). O americano, integrante da ordem

agostiniana do catolicismo desde 1977, se apresentou como um “filho de santo Agostinho” em seu primeiro discurso como pontífice, em 8 de maio de 2025.

À agência de notícias AFP, o padre Fred Wekesa, líder da basílica de Santo Agostinho em Annaba, afirmou que a visita de Leão 14 é um “momento profundamente significativo” que dará à comunidade uma “mensagem de ânimo e solidariedade”. “Com a visita do Santo Padre, o mundo inteiro verá a hospitalidade e a generosidade do povo argelino”, disse.

O papa segue para Iauendé, capital de Camarões, na quarta-feira (15). Cerca de 37% dos quase 30 milhões de habitantes do Camarões são católicos, e a Igreja administra hospitais, escolas e obras de caridade na nação da África central. Será a quarta visita de um pontífice ao país — a última ocorreu em 2009, pelo então papa Bento 16, e ficou marcada por polêmica.

Quando questionado se a proibição do uso de preservativos por católicos poderia ser flexibilizada para ajudar a combater a transmissão do HIV, Bento disse que permitir “aumentaria o problema”, o que provocou indignação internacional diante de 22,5 milhões de pessoas no continente africano vivendo com o vírus na época.

Leão XIV será recebido pelo presidente mais velho do mundo, Paul Biya, 93, católico que governa Camarões há mais de quatro



Pontífice terá compromissos e encontrará líderes de Angola, Camarões e Guiné Equatorial

décadas. Além de celebrar missas no estádio de Douala, capital econômica do país, e em Iauendé, o papa deve discursar e rezar, na quinta-feira (16), na Catedral de São José, na cidade de Bamenda.

Localizada na região norte da nação, assolada há anos pelo grupo terrorista islâmico Boko Haram, Bamenda é o epicentro de conflitos armados entre forças governamentais e movimentos separatistas que acontecem há quase uma década e provocam mortes e deslocamentos forçados.

No sábado (18), o pontífice encontrará João Lourenço, presidente de Angola, nação em que pretende abordar desigualdade, corrupção e gestão equitativa de recursos. O país é um dos principais produtores de petróleo da África subsaariana, mas um terço da população de 39 milhões de pessoas — das quais 44% se declaram católicas — vive com menos de US\$ 2,15 (R\$ 10,80) por dia, segundo o Banco Mundial.

Já a Guiné Equatorial, para onde o papa Leão XIV seguirá no dia 21 de abril (terça-feira), rece-

beu um pontífice pela primeira e última vez em 1982, quando João Paulo II esteve no país -nesta época, já governado por Teodoro Obiang Nguema Mbasogo, o ditador mais longo em exercício do mundo, no poder desde 1979.

Cerca de 80% da população de quase 2 milhões de habitantes se identifica como católica. Na nação da costa oeste do continente africano, um dos desafios do religioso será não passar a impressão de que apoia o regime — que estaria recebendo, segundo a agência Reuters, pessoas deportadas pelo governo de Donald Trump.

Autoridades do Vaticano e líderes da Igreja Católica na África afirmam que o roteiro pelos quatro países é uma prioridade pessoal para o papa Leão XIV, que retorna a Roma no dia 23 de abril (quinta-feira), e representa o valor atribuído ao continente onde o catolicismo mais cresce e onde vivem mais de 20% dos católicos do mundo, segundo o Vaticano.

“Ao ir à África tão cedo em seu pontificado, o papa mostra que a África importa”, disse à Reuters o cardeal Michael Czerney, alto funcionário do Vaticano e conselheiro próximo do pontífice que afirma que o religioso tem a missão de “ajudar a voltar a atenção do mundo para a África”.

Neste domingo (12), o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, atacou o papa Leão XIV, chamando-o de “frouxo” em relação ao crime e “terrível” para a política externa, após o líder religioso criticar as políticas de imigração e externa do republicano.

Por Marina Costa (Folhapress)

Netanyahu diz ter evitado invasão de Israel com ataque ao Líbano

O primeiro-ministro de Israel, Binyamin Netanyahu, cruzou a fronteira neste domingo (12) e visitou tropas israelenses que ocupam militarmente o Líbano desde o início da guerra entre Estados Unidos e Irã. Tel Aviv diz ter invadido o país vizinho para combater o Hezbollah, milícia libanesa aliada de Teerã, e o premiê afirmou que essa invasão evitou uma incursão do grupo armado.

“Nós evitamos uma invasão vinda do Líbano graças a essa zona de segurança”, disse Netanyahu aos soldados. “Ainda há mais a ser feito, e estamos fazendo. Estamos repelindo o perigo das munições antitanque e estamos lidando com foguetes”, afirmou o primeiro-ministro, que esteve no território libanês acom-

panhado do ministro da Defesa, Israel Katz, e de altos comandantes militares.

Desde que o Hezbollah reagiu ao início da guerra e lançou foguetes contra Israel, bombardeios israelenses já mataram mais de 2.000 pessoas no Líbano e feriram outras 6.000, de acordo com o Ministério da Saúde. Mais de 1 milhão de libaneses precisaram deixar suas casas. O governo em Beirute busca negociações diretas com Tel Aviv para interromper os ataques e discutir a retirada de soldados do sul do país.

Netanyahu, entretanto, já disse que não conversará com o Hezbollah, jogando incerteza na eficácia de discussões paralelas com Beirute. Especialistas afirmam que a estratégia israelense

parece ser pressionar o governo libanês para que este declare guerra à milícia xiita — decisão que poderia causar uma nova guerra civil.

Também no domingo, as tropas das Nações Unidas no Líbano disseram que um tanque israelense investiu contra veículos da força de paz no país. “Em duas ocasiões, soldados das Forças de Defesa de Israel atropelaram veículos da Unifil [Força Interina das Nações Unidas no Líbano] com um tanque Merkava, causando dano significativo”, disse a ONU em nota.

A Unifil afirma ainda ter sido alvo de “tiros de alerta” na região — um desses tiros teria acertado um local a um metro de distância de um membro da Força da

ONU — e que as tropas israelenses atuam para “restringir a liberdade de movimento” dos capacetes azuis. Três soldados da Unifil, de cidadania indonésia, já morreram desde o início da guerra, e uma investigação aponta que eles foram mortos por tiros israelenses e bombas do Hezbollah.

O papa Leão 14 voltou a pedir um cessar-fogo na região. O pontífice, que se prepara para uma viagem à África, disse neste domingo que se sente “mais próximo do que nunca do querido povo libanês nesses dias de dor, medo e esperança invencível em Deus”.

“O princípio da humanidade, incrustado na consciência de cada pessoa e reconhecido no direito internacional, levanta a obrigação moral de proteger a

população civil dos efeitos atroz da guerra”, afirmou o papa, sem citar Israel. “Insto as partes do conflito a buscar urgentemente uma resolução pacífica.”

Na quarta-feira (8), um bombardeio de Israel matou uma menina de pouco menos de dois anos de idade durante o funeral do pai dela. Ela foi enterrada neste domingo na cidade de Tiro pelo avô, Nasser Saeed, e pela irmã, Aline, de 7 anos.

“Isso não é humanidade, é um crime de guerra”, disse Nasser à agência de notícias Reuters. “Onde estão os direitos humanos? Se uma criança é ferida em Israel, o mundo inteiro presta atenção. Não somos também pessoas? Não somos também seres humanos?”

Por Folhapress